

**A DENÚNCIA DO FEMINICÍDIO POR SELVA ALMADA E FLORITA ALMADA:
O REAL E O FICCIONAL**

Maria Celeste Soares Ribeiro

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – São Paulo, São Paulo

celderman@uol.com.br

Resumo

Chicas muertas, a não ficção de Selva Almada, e *2666*, a ficção de Roberto Bolaño, trazem histórias de feminicídios impunes. Além disso, os livros têm em comum a presença de videntes auxiliando a denúncia dos crimes e duas “Almadas” relatando os acontecimentos: Selva Almada na Argentina e Florita Almada, no México. O presente artigo tem por finalidade analisar o modo de denunciar os feminicídios na ficção e no relato de não ficção mencionados, bem como ponderar sobre o efeito de sentido em cada um deles. Alternando lembranças próprias com excertos de laudos de necropsia e processos judiciais, entre outros dados, a autora argentina apresenta informações que permitem ao leitor conhecer o que se passou e perceber os crimes como feminicídios. Por meio da vidência e do sentimento de sororidade de Florita, Bolaño denuncia os assassinatos a um leitor que pode ou não os relacionar com a realidade, a depender do seu próprio conhecimento. Ainda assim, ambos podem ser considerados como uma forma de denúncia e de alerta para a persistência da violência contra mulheres na atualidade.

Palavras-chave: Feminicídio; modos de narrar; literatura; Selva Almada; Bolaño.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Maria Celeste Soares Ribeiro

Graduada em Letras - português e espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (2016) e mestranda em Estudos Literários na mesma universidade. Tem experiência na área de ensino de português e espanhol. Atualmente é professora de espanhol na rede estadual do Ceará. É pesquisadora de literatura relacionada às questões feministas, em especial à violência de gênero. Também se dedica ao estudo da literatura contemporânea argentina, particularmente a produzida por mulheres.



<http://lattes.cnpq.br/2279326791258652>



<https://orcid.org/0000-0002-7868-4962>

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

A DENÚNCIA DO FEMINICÍDIO POR SELVA ALMADA E FLORITA ALMADA: O REAL E O FICCIONAL

Maria Celeste Soares Ribeiro

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – São Paulo, São Paulo

celderman@uol.com.br

1 Introdução

Em 2004, foi publicado postumamente o romance de ficção *2666*, do escritor chileno Roberto Bolaño (2004). Dividido em cinco partes, o enredo se desenvolve em torno de um escritor alemão – Benno von Archimboldi – e, ao mesmo tempo, aborda uma série de casos de feminicídio que ocorriam na cidade fictícia de Santa Teresa, no México, desde 1993, e que continuaram a ocorrer até 1997, último ano registrado no romance. Na verdade, os feminicídios impunes são o mote para a narrativa. “*La parte de los crímenes*” é o capítulo do livro que de fato nos interessa nesta análise.

Dez anos depois desse romance de Bolaño, Selva Almada (2016), escritora argentina, lança *Chicas muertas*, livro classificado como literatura de não ficção e que trata de três feminicídios impunes ocorridos no interior da Argentina, nos anos 1980. O livro é o relato da investigação dos crimes, realizada pela própria autora, cerca de vinte anos depois do acontecido.

Além da apresentação dos feminicídios impunes, os livros têm em comum a presença de videntes auxiliando a denúncia dos crimes e outras coincidências: as denunciantes são mulheres e ambas levam Almada no sobrenome. Florita Almada fala dos assassinatos em Santa Teresa e Selva Almada, na Argentina.

Florita Almada é uma personagem criada por Bolaño. Trata-se de uma senhora de setenta anos, vidente e naturopata, sem filhos, mexicana oriunda de Nacori Grande, estado de Sonora; e residente em Hermosillo, a capital. Analfabeta até os vinte anos de idade, mas grande leitora depois que aprendeu a ler, dizia que “*El tiempo que Le hubiera dedicado a su bebé lo empleó en estudiar*” (BOLAÑO, 2004, p. 538). Foi dada em casamento aos dezessete anos, para um noivo que lhe era desconhecido e vinte e um anos mais velho que ela. Moderna para sua época: viajava com o marido quando ele ia a negócios comprar e vender animais,

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

comportamento impróprio para as esposas; lia e estudava na sua presença, inclusive ele lhe comprava livros, por quilo e não por títulos ou autores, o que lhe proporcionou uma diversidade de conhecimentos. Ao enviuvar, com quarenta e quatro anos, “*No se volvió a casar, no porque le faltaran pretendientes, sino porque le halló el gusto a la soledad. Lo que hizo fue comprarse un revólver calibre 38 [...] y seguir, de momento, los negocios de compra y venta de animales*” (BOLAÑO, 2004, p. 540). Entretanto, não gostava de vender seus animais para matadouros ou mercados, preferindo apenas viajar com eles, ocasiões em que conhecia e estudava as ervas que encontrava no caminho. Passou a dar consultas, prescrevendo ervas e dietas alimentares. De comportamento dócil e atenciosa, recebeu de seus seguidores o epíteto de *La Santa*.

Selva Almada é real. Escritora, feminista e ativista, tem participação importante no “*Ni una menos*”, movimento de mulheres surgido na Argentina em 2015, para protestar contra a violência de gênero e exigir a implantação de políticas públicas para proteger os direitos das mulheres, de forma a conter tal violência, em especial, os feminicídios. Nascida no interior da Argentina, na pequena cidade de Villa Elisa, província de Entre Ríos, ali viveu até os dezessete anos. Deixou a cidade natal para estudar; formou-se em literatura e mudou-se para Buenos Aires. Autora de romances e contos, muitos deles traduzidos em várias línguas (no Brasil foram traduzidos *Chicas muertas* e *El viento que arrasa*), arriscou-se na literatura de não ficção para escrever sobre três feminicídios impunes dos anos 1980.

O presente artigo tem por finalidade analisar o modo como essas duas mulheres denunciam os feminicídios nesses dois relatos – a ficção de Bolaño e a não ficção de Selva Almada –, bem como ponderar sobre o efeito de sentido em cada um deles.

2 Os feminicídios, por Florita Almada

2666 é uma ficção que exige fôlego para leitura. São cerca de mil e cem páginas, divididas em cinco capítulos, denominados “partes”. A personagem Florita Almada ocupa a quarta parte – *La parte de los crímenes* – que trata especificamente dos feminicídios. Ao longo de quase duzentas e cinquenta páginas, são descritos cada um dos crimes, ou melhor, cada um dos corpos mortos encontrados dispersos pelo deserto ou pela cidade; também as ações da polícia para resolvê-los ou escondê-los estão presentes, permeadas por histórias de alguns personagens, como policiais, jornalistas e figuras do governo. Embora seja nesse capítulo que se mostram os feminicídios, todos os demais estão relacionados de algum modo com as mortes, pois o assunto surge na boca de algum dos personagens ou é referido pelo narrador.

É pela voz de uma mulher que Bolaño traz a denúncia das mortes de mulheres em Santa Teresa. O autor ficcionou o nome da cidade e do estado de ocorrência dos crimes reais, que aconteciam de fato em Ciudad Juárez, no estado de Chihuahua, México, desde 1993.

No romance, ainda que alguns jornais tenham noticiado esparsamente as mortes, será Florita Almada a portadora da denúncia que liga os crimes e os cadáveres até então

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

encontrados e denuncia: “¡Es Santa Teresa! ¡Es Santa Teresa! Lo estoy viendo clarito. Allí matan a las mujeres. Matan a mis hijas.¡Mis hijas!” (BOLAÑO, 2004, p. 547).

Florita Almada, dando consultas a clientes para os quais receitava alimentação adequada e chás, conheceu um apresentador de televisão, Reinaldo, do qual se fez amiga. Convidada por ele a apresentar-se em seu programa – *Una hora con Reinaldo* – para mostrar o que sabia e aconselhar os telespectadores, recusou o convite. Porém, meses depois, ela procurou o apresentador porque “[...] *queria hacer público um mensaje*” (BOLAÑO, 2004, p. 544). O canal de televisão situava-se em Hermosillo, e o programa estava entre os mais populares do estado de Sonora, ainda assim, a transmissão chegou mal a Santa Teresa e ninguém a assistiu.

Inicialmente, a vidente, em seu estado normal, relatou ao apresentador que tinha visões que lhe mostravam meninas e jovens mortas em um deserto. Talvez pela potência da notícia, ou pela situação de estresse de estar na televisão, ou pelo exercício da vidência, Florita entrou em transe contra a própria vontade, e, diante das câmeras, fez duas revelações: estão matando mulheres em Santa Teresa; a polícia não faz nada para impedir ou para apurar os crimes. E instigou as mulheres: “*Hay que romper el silencio, amigas*” (BOLAÑO, 2004, p. 547), finalizando com o pedido de que o governador deveria ser avisado, pois certamente ele tomaria providências. Ainda que estivesse em transe, Florita Almada acreditava de algum modo na Justiça, atribuindo a falta de resolução ao desconhecimento da autoridade máxima do estado. Acrescentou ainda que muitas vezes as mulheres eram levadas em carros negros, mas eram assassinadas em qualquer lugar.

Porém, exceto pelo impacto da cena de possessão sobre o apresentador, equipe e público presentes no estúdio, a denúncia não alcançou outras pessoas que pudessem levá-la em consideração.

Em agosto de 1995, a vidente voltou ao programa de Reinaldo. E desta vez, sem transe, a denúncia foi feita de forma direta:

[...] me da mucho coraje, me da miedo y coraje lo que está pasando en este bonito estado de Sonora, que es mi estado natal, el suelo donde nací y probablemente moriré. Y luego dijo: estoy hablando de visiones que le cortarían el aliento al más macho de los machos. En sueños veo los crímenes y es como si un aparato de televisión explotara y siguiera viendo, en los trocitos de pantalla esparcidos por mi dormitorio, escenas horribles, llantos que no acaban nunca. [...] Y finalmente dijo: estoy hablando de las mujeres bárbaramente asesinadas en Santa Teresa, estoy hablando de las niñas y de las madres de familia y de las trabajadoras de toda condición y ley que cada día aparecen muertas en los barrios y en las afueras de esa industriosa ciudad del norte de nuestro estado. Hablo de Santa Teresa. Hablo de Santa Teresa (BOLAÑO, 2004, p. 575).

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Em outubro do mesmo ano, Florita Almada volta à televisão, dessa vez para informar que os crimes continuariam ocorrendo em Santa Teresa, dado obtido por seus poderes de vidência. Ressalte-se que, em setembro, fora preso Klaus Haas, acusado de ser o autor dos assassinatos na cidade, tendo a polícia dada por resolvida a questão dos feminicídios. Mas, em novembro, conforme previra Florita, os cadáveres de mulheres voltaram a aparecer.

Em abril do ano seguinte, a vidente voltou ao programa de Reinaldo, desta vez acompanhada por mulheres militantes da associação feminista Mulheres de Sonora por la Democracia y la Paz – MSDP, que “[...] *hablaron de la impunidad que se vivía em Santa Teresa, de la desidia policial, de la corrupción y del número de mujeres muertas que crecía sin parar desde el año 1993*” (BOLAÑO, 2004, p. 631-2).

A última aparição de Florita Almada na trama é referida em uma cena já em maio de 1997, quando recebe a visita de um jornalista, Sergio González, da capital. Por intermédio de Reinaldo, o jornalista chega até a vidente para saber se era verdade que ela era capaz de ver os assassinos. A vidente relatou suas visões: via os rostos, mas se esquecia depois, os assassinos eram mexicanos, tinham rostos comuns e inchados, falavam espanhol de modo pouco compreensível e tinham grandes tristezas e alegrias.

As notícias sobre os feminicídios chegaram à capital, mas o papel da vidente Almada na denúncia foi menosprezado. Membros do grupo feminista *Mujeres em Acción – MA*, ao comentarem a luta das companheiras de Sonora que tinham ido à televisão, se referiram à Florita como “[...] *una viejita sin mayor trascendencia que al parecer queria explotar los crímenes en beneficio propio*” (BOLAÑO, 2004, p. 641). O jornalista Sergio González a qualificou como uma velha e charlatã de bom coração, não lhe dedicando qualquer atenção em sua reportagem.

Além de propalar a voz das feministas, acompanhando-as ao programa de televisão em que era a protegida de Reinaldo, a vidente também avisou sobre o perigo que corriam as mulheres em geral na cidade de Santa Teresa. Entretanto, não parece ter sido ouvida, como pode ser percebido na explicação da mãe de uma das mortas ao referir-se à Florita: “*Ella sabe qué se esconde detrás de los crímenes y nos puso en alerta, pero no le hicimos caso, nadie le hace caso. Ella ha visto las caras de los asesinos*” (BOLAÑO, 2004, p. 702).

3 Os feminicídios, por Selva Almada

Chicas muertas é narrado em primeira pessoa, alternando as memórias de uma narradora que ora traz suas lembranças da infância ou adolescência e juventude, ora traz excertos de laudos de necropsia ou notícias de jornais, ora trechos de entrevistas com amigos ou parentes das vítimas, ora descrições de suas peripécias na obtenção de entrevistas e de dados sobre as garotas mortas. E ainda ficciona os detalhes sobre os últimos momentos de vida

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

daquelas três jovens, aquelesque nem ela nemoutras pessoas que pudessem contá-los presenciaram. Diante da impossibilidade de algumas respostas cruciais sobre quem foram os assassinos ou por que os crimes foram cometidos, uma taróloga e vidente ajuda a autora com suas visões e histórias.

São três crimes reais, estando as vítimas nomeadas, com detalhes de datas, nomes de parentes e amigos e locais de ocorrência. Andrea Danne, dezenove anos, encontrada morta em sua própria cama no dia 16 de novembro de 1986, com uma punhalada no coração, em San José. María Luisa Quevedo, quinze anos, cujo corpo foi encontrado – depois de permanecer três dias desaparecida – boiando em uma lagoa na periferia da cidade, estuprada e enforcada, no dia 8 de dezembro de 1983, em Presidencia Roque Sáenz Peña. Sarita Mundín, vinte anos, está desaparecida desde que saiu para passear com seu amante e protetor, Dady Olivero, um empresário casado, em 12 de março de 1988, em Villa Nueva.

O enredo não se restringe a contar detalhadamente esses três crimes, mas mescla os dados com outros crimes de feminicídio ou situações em que mulheres foram humilhadas, estupradas, discriminadas. Estes fatos são alternados com casos da memória da autora, que traz lembranças de situações de misoginia e agressões que sofreu, ou que mulheres próximas a ela sofreram. Por exemplo, antes de contar que a irmã de Sarita desconfiava que o amante a agredia, Selva Almada relata a história de algumas vizinhas ou amigas de sua mãe:

No recuerdo ninguna charla puntual sobre la violencia de género ni que mi madre me haya advertido alguna vez específicamente sobre el tema. Pero el tema siempre estaba presente. Cuando hablábamos de Marta, la vecina golpeada por su marido, la que a su vez descargaba sus propios puños sobre sus hijos [...]. Cuando hablábamos de Bety, la señora de la despensa que se colgó en el galponcito del fondo de su casa. Todo el barrio decía que el marido le pegaba y que le sabía pegar bien porque no se le veían las marcas. Nadie lo denunció nunca (ALMADA, 2016, p. 53-4).

A autora mostra que a investigação policial e o Judiciário não conseguiram determinar os culpados, além de não esclarecerem devidamente como os crimes ocorreram, e que, portanto, não houve qualquer punição para os assassinos. Sobre a investigação do assassinato de María Luisa, a narradora nos informa:

La falta de resultados inmediatos en la resolución del caso, la feria judicial en ciernes, un juez de instrucción de turno, el doctor Díaz Colodrero, juez comercial sin experiencia penal, y una policía con los vicios de la dictadura empantanaron el caso todo ese verano y fueron la comidilla de la prensa que, a falta de novedades, acababa basándose en rumores, chismes, presunciones de los vecinos (ALMADA, 2016, p. 152).

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Confusões semelhantes aconteceram com os outros dois crimes. O caso Andrea Danne teve vários suspeitos, sem que se estabelecessem os culpados: a mãe, os pais, um amante, um traficante de drogas e até mesmo se cogitou que a morte fez parte de um rito de feitiçaria.

Como Sarita Mundín foi vista por sua família, pela última vez, saindo com o amante Dady Olivero, este tornou-se o único suspeito, chegando a ser preso por um curto período, mas liberado pela Justiça por falta de provas, visto que ele negou o último encontro com a moça, apresentando como álibi o depoimento de sua própria esposa. Nove meses depois do desaparecimento de Sarita, foi encontrado um esqueleto de mulher à beira do rio onde supostamente o casal teria ido, sendo os ossos atribuídos à garota, situação descartada dez anos depois com um exame de DNA. Sarita Mundín continua com o *status* de desaparecida. Sua mãe acreditava que ela estaria viva, e que teria sido vendida pelo amante a uma rede de prostituição, mas sua irmã crê que ela foi morta.

Os familiares de María Luísa atribuem o crime a um empresário milionário da cidade, Jesús Gómez, que foi investigado, mas não declarado culpado. Segundo o irmão da vítima, Yogui Quevedo, o empresário comprou testemunhas e advogados e conseguiu livrar-se da condenação.

À semelhança de 2666, de Roberto Bolaño (2004), os casos investigados por Selva Almada foram desaparecimento/feminicídios sem culpados determinados; são crimes impunes. Ainda que cada uma das três garotas tivesse origem social distinta, foram vítimas da violência de gênero: María Luisa era pobre, empregada doméstica aos quinze anos de idade, sem frequentar escola; Andrea Danne era de classe média baixa, não trabalhava fora, cursava o ensino superior e se formaria professora de psicologia; Sarita Mundín era prostituta, solteira, mãe de um garoto de quatro anos de idade. A conclusão de que os três crimes foram cometidos pelo fato de as vítimas serem mulheres, portanto, crimes de feminicídio, é pacientemente tecida ao longo do texto.

Diferentemente de 2666 (BOLAÑO, 2004), os crimes não ocorrem na mesma cidade, em número tão volumoso e situações tão semelhantes que o leitor claramente percebe a conexão entre eles. Por isso, a autora vai lentamente mostrando que aqueles crimes bárbaros dos anos 1980, sem motivo aparente, foram na verdade crimes de feminicídio, motivados pelo fato de as vítimas serem mulheres e, por algum motivo, terem contrariado as ordens do patriarcado, que regem a sociedade androcêntrica, como explica Segato (2010). Para esta autora, há uma tensão entre o sistema de *status*, baseado na moral de tradição patriarcal, e o sistema de contrato (conjunto de leis que organiza a sociedade). O *status* masculino se fundamenta na usurpação do poder feminino, e exige como tributo a “[...] sumisión, domesticidad, moralidad y honor que reproduce el orden de estatus, en el cual el hombre debe ejercer su dominio y lucir su prestigio ante sus pares” (SEGATO, 2010, p. 143). Porém, como sujeito social e psíquico com capacidade de autonomia, nem sempre a mulher se submete totalmente, o que suscita no homem

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

“[...] el mandato moral y moralizador de reducir y aprisionar a la mujer en su posición subordinada, por todos los medios posibles, recurriendo a la violencia sexual, psicológica y física, o manteniendo la violencia estructural del orden social y económico [...] (SEGATO, 2010, p. 143).

provavelmente em razão desse “mandado moral e moralizador”, os crimes foram cometidos.

A investigação da autora mostra-se infrutífera do ponto de vista de estabelecer culpados. E não poderia ser diferente, visto que os crimes são reais, os parentes e amigos existem, os processos judiciais não culpabilizam nem punem ninguém. Portanto, não seria a escritora a pessoa adequada para apontar o dedo a um e outro. O que ela faz é fornecer argumentos para que o leitor, caso queira, levante hipóteses sobre possíveis assassinos, além de oferecer pistas para que se conclua que foram feminicídios.

Ela nos dá a conhecer as garotas vivas. “Vemos” Andrea Danne passeando com o namorado, María Luisa penteando-se e vestindo-se antes de sair para o trabalho, Sarita Mundín conversando com sua irmã e acalentando o filho. E conhecemos, por meio das entrevistas que a autora obteve, e também por meio dos recursos da ficção, o que aconteceu com elas pouco antes de desaparecerem/morrerem.

Entretanto, isso não basta à autora. É preciso que as garotas “falem” o que se passou. Por isso, ela busca a ajuda de uma taróloga e vidente – “La Señora” – que vai mediar o relato entre elas e a voz da autora. Assim, o leitor vai tomar conhecimento de que Andrea, além de ter um amante, não queria aquela vida que lhe estava desenhada – casar, ter filhos, ser professora – e planejava ir embora. Por meio da taróloga, sabemos que María Luisa Quevedo não entendeu o que se passou com ela própria, porque tudo estava indo tão bem e, de repente, a dor do estupro e a sufocação pelo estrangulamento. A taróloga também revela que essa adolescente não quer que o criminoso seja descoberto, pois isso tiraria o brilho de seu irmão, Yogui, cujo papel na atualidade tem sido o de opinar, na mídia, sobre crimes semelhantes ao seu. Estranhamente, Sarita Mundín não aparece nas cartas da taróloga, sugerindo que ainda esteja viva ou que morreu muito recentemente, o que impediria a comunicação.

Esse movimento das garotas traz vivacidade às suas imagens. É a voz delas contando o que se passou. Por isso, ao se deparar com seus corpos mortos – trazidos nos excertos dos laudos de necropsia ou na descrição de uma fotografia – o leitor é tomado por um sentimento de tristeza e se pergunta: por que foram mortas?

Essa pergunta vai sendo respondida pouco a pouco. E isso é feito pela alternância dos fatos e das lembranças da autora. É por meio de sua memória que são mostrados comportamentos agressivos de maridos ou namorados de mulheres próximas a ela – desde a proibição de mulheres usarem salto alto porque isso é característico de putas, até a tentativa de queimar a casa da namorada, com ela dentro, por ciúmes. Selva Almada nos mostra que tais

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

comportamentos são naturalizados, e que homens em geral podem ser “naturalmente” opressores/agressores.

As lembranças são mencionadas antes de cada fato relacionado aos crimes. Como exemplo, ressaltamos aqui o relato sobre as caronas que Selva Almada e uma amiga pegavam, quando jovens, para viajar da cidade que estudavam para a de moradia. Ela destaca uma vez em que se sentiram realmente em perigo, quando o motorista assediava a amiga com propostas sexuais e tentativas de carícias, tendo armas à vista no carro. Refere seu medo de morrer e, após descrever toda a cena, a página seguinte traz seus comentários sobre o medo que as garotas sentiram imediatamente antes de serem mortas: *“Andrea se habrá sentido perdida cuando se despertó para morirse. Los ojos, abiertos de golpe, habrán pestañado unas cuantas veces en esos dos o tres minutos que le llevó al cerebro quedarse sin oxígeno”* (ALMADA, 2016, p. 37).

Como já mencionamos, a narrativa é tecida de modo a vincular os crimes e situações do comportamento e do cotidiano das vítimas como desobediências aos padrões de “bom comportamento” que a sociedade sexista espera das mulheres, o que caracteriza os assassinatos como feminicídios, conforme expomos a seguir.

A respeito do assassinato de Andrea Danne, lemos muitas páginas sobre como era sua mãe, os diálogos dos pais ouvidos pelo médico que fez o primeiro atendimento à vítima, as impressões do namorado (e sua mãe) sobre a sogra. São relatados todos os rumores que pairam sobre a suspeita de a mãe ser a assassina, ou de ter encoberto o pai como o autor do crime. E o leitor se depara com a dúvida: a mãe a teria apunhalado durante uma discussão? A família teria descoberto a existência do amante? Andrea teria mencionado que largaria a vida que tinha em busca de uma outra? São conjecturas que o leitor certamente fará e, com isso, pode responder à pergunta sobre os motivos do assassinato, pois o relato conduz à hipótese de que Andrea Danne teria dito não ao que esperavam dela como mulher, o que pode ter sido a razão do crime.

María Luisa Quevedo parece ter saído em busca de divertimento após o trabalho, pois descobria o mundo fora de casa, aos quinze anos de idade – havia começado a trabalhar aquela semana e tinha feito novas amigas. Divertir-se parece ter sido confundido, pelos homens que a acompanhavam, com estar disponível sexualmente. Talvez tenha resistido ao assédio, ou tenha sido estuprada por alguém que a garota poderia denunciar e, por isso, foi estrangulada.

Sarita Mundín provavelmente desejava romper a relação com Olivero, seu amante e protetor, um homem mais velho, a quem temia. Há um relato de que estaria entusiasmada com um jovem que havia conhecido à época. A possibilidade de perdê-la para outro homem pode ter sido o motivo para que Olivero a assassinasse ou a vendesse para uma rede de prostituição? Sarita não teria o direito de ficar com quem escolhesse?

São essas indagações que Selva Almada vai instar o leitor a fazer. A partir delas é que ele pode refletir sobre a relação de poder que estrutura a sociedade patriarcal, que estabelece uma hierarquia de gênero, em que o homem ocupa o topo. Talvez por meio dos elos que unemas lembranças da autora e os crimes, o leitor perceba que a generificação dos papéis por sexo pode

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

resultar em assassinatos, pois nessa estrutura não cabe a desobediência das mulheres ao que lhes está determinado.

Selva Almada denuncia os feminicídios impunes dos anos 1980 e afirma que as mulheres continuaram sendo assassinadas, visto que, no epílogo do livro, ela reconhece: “*A hora tengo cuarenta años y, a diferencia de ella [Andrea Danne] y de las miles de mujeres asesinadas en nuestro país desde entonces, sigo viva. Solo una cuestión de suerte*” (ALMADA, 2016, p. 182). Ela atribui à sorte o fato de estar viva, e não ao Estado, que teria a obrigação de desenvolver políticas públicas de proteção às mulheres, e nem à sociedade, que deveria ter por meta a igualdade de direitos entre os sexos e a justiça social. Ao mesmo tempo, ela resgata do esquecimento as garotas mortas e as mostra com voz e vida, não mais apenas a imagem de corpos mortos ou de um corpo ausente, como o de Sarita Mundín. A partir do livro, as vozes dessas jovens serão ouvidas, suas vidas serão conhecidas por leitores de várias partes do mundo. Também é uma forma de denúncia, feita pelas próprias vítimas, silenciadas no passado e que agora espalham ao mundo, por meio do livro, suas histórias e a impunidade decorrente da inépcia do Estado na apuração dos culpados.

4 Ficção e realidade

Bolaño optou por uma ficção para tratar dos crimes de feminicídio. Ele era notadamente um escritor do gênero romance. Para relacionar os crimes de 2666 com a realidade, é preciso que o leitor já tenha informação do que ocorre em Ciudad Juárez, no México. Caso contrário, a história é tratada como um romance de ficção que tem algo a mostrar: o horror dos feminicídios e a sua impunidade.

Ainda que haja por trás acontecimentos reais, a literatura de ficção usa da imaginação para desenhar cenários, construir personagens, posicionar o tempo, pois “tradicionalmente, a ficção é produto de um ato de fingir o possível, ou seja, de um ato pseudorreferencial[...]” (HANSEN, 2017, p. 155). A realidade pode estar esboçada na estruturação do enredo, mas não se pede ao leitor que o creia verdadeiro. “*La parte de los crímenes*” mostra a crueldade com que as mulheres são tratadas naquela sociedade, não importando sua idade e às vezes até mesmo sua origem social, embora as vítimas sejam principalmente escolhidas entre as operárias, as residentes na periferia e algumas prostitutas. E vemos também a indiferença da polícia na apuração dos crimes, não só incompetência, mas descaso. Crimes contra mulheres são investigados por homens que não se cansam de fazer piadas misóginas e que maltratam testemunhas femininas. Vemos autoridades governamentais que não priorizam a investigação dos feminicídios, que estão envolvidas com o crime organizado, que não querem que a sociedade tome conhecimento do que de fato ocorre e que opine/fiscalize as ações das autoridades.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Todos esses dados são colocados ao leitor. E é isso que Florita Almada denuncia, ainda que o faça sem outras fontes de informação que não o seu dom de vidência, que pode ou não ser crível aos telespectadores. Talvez por isso, ao mesmo tempo que denuncia, ela dá vez às mulheres organizadas e não marcadas pela vidência para que falem por si mesmas e que mostrem dados da realidade. Mesmo que incipiente, é um movimento de mulheres que se soma a Florita e cobra do governador as providências para que os crimes sejam apurados e os criminosos punidos.

A ficção de Bolaño, pela boca de Florita Almada, com suas alusões à possessão para vislumbrar o real, pode ser entendida como “[...] a capacidade de criar imagens, comparações e sobretudo de evocar o que não pode ser diretamente apresentado e muito menos representado” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 380). Para o autor, parece não ser possível escrever diretamente sobre os corpos abusados, mutilados e mortos, e, por isso, usa da ficção. Como efeito de sentido, o leitor não avisado sobre a referência ao real consterna-se e reflete. E talvez reflita sobre o que fazer para que fatos assim não aconteçam. Já para aqueles que conhecem o drama real das mulheres de Ciudad Juárez, o romance é também objeto de consternação e reflexão, mas sobretudo uma denúncia daquela realidade, principalmente sabendo que nos dias atuais a situação pouco se modificou.

A não ficção de Selva Almada teve o auxílio de uma taróloga e vidente para mostrar os caminhos da investigação. *La Señora*, como é nominada no livro, fez uso do mito de *La huesera*, aconselhando a escritora para que agisse como tal: “[...] *juntar los huesos de las chicas, armarlas, darles voz y después dejarlas correr libremente hacia donde sea que tengan que ir*” (ALMADA, 2016, p. 50). E assim fez Selva Almada. “Ouvimos” a todo momento a voz da autora empírica a lidar com lembranças e fatos, pois, na literatura de não ficção,

[...] se produce un constante deslizamiento y oscilación entre el narrador (aun en aquellos casos en que su función se limita a construir el montaje de los testimonios) que participa de – y contribuye a la narrativización – y el autor-periodista real responsable de la investigación (AMAR SÁNCHEZ, 1992, p. 36).

Chicas muertas, como não ficção, diferentemente da obra de Bolaño, mostra três crimes reais com nomes das vítimas, datas e locais de ocorrência. Nele, o leitor pode constatar que “é tudo verdade” e não necessita saber antes sobre os crimes, pois o livro o informa de todos os detalhes. Selva Almada usa alguns dos elementos da literatura de ficção – tempo, espaço, narradora e personagem – para construir um enredo que reforça o laço entre os crimes e a convicção de que ocorreram somente porque as vítimas eram mulheres. As garotas morreram (uma delas ainda é dada como desaparecida) por violência de gênero, por isso os crimes bárbaros, com repercussão apenas nas cidades de ocorrência, passam a ser compreendidos pelo leitor como crimes de feminicídio, que repercutem sobre a vida de todas as mulheres.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

No enredo, o uso da memória da escritora de forma alternada ao relato dos crimes, aproxima autora-leitor. Contada em primeira pessoa, a história dos crimes e das lembranças da autora, que conheceu muito de perto situações de violência contra mulheres, traz credibilidade ao texto e ajuda o leitor a entender o livro também como uma denúncia: são feminicídios impunes, na voz de uma mulher que também vivenciou a violência de gênero e, por isso, o leitor crê na explicitação de que as garotas morreram por dizerem “não” ao que lhes estava destinado na sociedade patriarcal, sociedade essa que hierarquiza as relações de gênero e pune aquelas que não obedecem a elas.

5 Considerações Finais

Florita Almada e Selva Almada tomam uma posição na realidade em que vivem, denunciando os feminicídios impunes. Aquela, pela mão de um autor masculino, levando em conta sua consciência e solidariedade de mulher; esta, por sua própria mão, com base na sua vivência e atuação feminista.

Usando técnicas e modos de narrar diferentes, ambas percebem a gravidade da situação e que, sozinha, cada mulher é incapaz de se defender e de mudar a realidade. Por isso, Florita Almada vai à televisão alertar as mulheres, dá vez e voz às feministas organizadas em uma associação. Pelo mesmo motivo, Selva Almada escreve um livro, para relembrar à sociedade três crimes impunes na Argentina dos anos 1980, além de mostrar que a situação de vulnerabilidade por questões de gênero ainda permanece. Uma realidade ficcionada e uma realidade contada quase literalmente, para mostrar que a ideologia sexista que fundamenta a sociedade patriarcal continua a matar mulheres.

Referências

- ALMADA, Selva. **Chicas muertas**. 4 ed. Buenos Aires: Literatura RandonHouse, 2016.
- AMAR SÁNCHEZ, Ana María. **El relato de los hechos**: Rodolfo Walsh testimonio y escritura. Rosário: Beatriz Viterbo Editora, 1992.
- BOLAÑO, Roberto. **2666**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/4690366/Bolano_2666https://www.academia.edu/4690366/Bolano_2666. Acesso em 20 jan. 2021.
- HANSEN, João Adolfo. Por que ensinar literatura. In: CECHINEL, André. **O que significa ensinar literatura**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. p.141-67.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. 2ª. ed. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

Recebido em: 15/05/2021

Aceito em: 21/08/2021

Publicado em: 21/12/2021

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

**THE DENUNCIATION OF FEMICIDE BY SELVA ALMADA AND FLORITA ALMADA:
THE REALITY AND THE FICTIONALITY**

Maria Celeste Soares Ribeiro

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – São Paulo, São Paulo

celderman@uol.com.br

Abstract

Chicas muertas, the nonfiction of Selva Almada, and *2666*, the fiction of Roberto Bolaño, bring stories of unpunished femicides. Furthermore, both books have the presence of clairvoyants helping to denounce the crimes and two "Almadas" narrating the events: Selva Almada, in Argentina and Florita Almada, in Mexico. The purpose of this article is to analyze the way of denunciation of the femicides in the mentioned nonfiction and fiction, as well as consider the effects of meaning in each one of them. Alternating her own memories with excerpts from autopsy reports and legal proceedings, among other data, the Argentine author presents information that allows the reader to know what happened and perceive the crimes as femicides. By the clairvoyance and the feeling of sorority of Florita, Bolaño denounces the murders to a reader who may or may not relate them to reality, depending on its own knowledge. Nevertheless, both may be thought as a way to denounce and to alert to the persistence of the violence against women nowadays.

Keywords: Femicide; narrative techniques; literature; Selva Almada; Bolaño.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em língua espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

**LA DENUNCIA DE LOS FEMINICIDIOS POR SELVA ALMADA Y FLORITA ALMADA:
LO REAL Y LO FICCIONAL**

Maria Celeste Soares Ribeiro

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – São Paulo, São Paulo

celderman@uol.com.br

Resumen

Chicas muertas, la obra de no ficción de Selva Almada, y *2666*, la obra de ficción de Roberto Bolaño, relatan historias de feminicidios impunes. Además, ambos libros cuentan con la presencia de videntes ayudando en la denuncia de los crímenes y una coincidencia: la que denuncia los asesinatos en Santa Teresa se llama Florita Almada, y la denunciante en Argentina también es una Almada. Este artículo busca analizar los modos de hacer la denuncia en las referidas obras y ponderar sobre los efectos de sentido en cada una. Selva Almada alterna sus recuerdos con datos obtenidos en la investigación que ha protagonizado, llevando el lector a darse cuenta de que los crímenes fueron feminicidios. En su ficción, Bolaño hace la denuncia a partir de la videncia y de la sororidad de su personaje Florita Almada, dejando al encargo del lector entenderla como una muestra de lo que les pasa en México a las mujeres. Entendemos que ambas deben ser consideradas una forma de denuncia y alerta sobre la persistencia de la violencia contra las mujeres en la actualidad.

Palabras clave: Feminicidio; modos de narrar; literatura; Selva Almada; Bolaño.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê “Literatura de autoria feminina em língua espanhola”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-16	e021008	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>